

O QUE DIZEM AS CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM RELAÇÃO À BIBLIOTECA ESCOLAR

Lis de Gusmão Lino¹
Mônica de Moraes Oliveira²
Juliana de Melo Lima³

RESUMO

Esta pesquisa objetivou analisar o que crianças dizem sobre uma biblioteca escolar do município de Recife. Realizamos quatro observações com atividades desenvolvidas na biblioteca para turmas de 1º, 2º e 3º anos e entrevistamos 24 crianças. O referencial teórico foi construído sobre o potencial da biblioteca escolar como espaço de aprendizagem, ressaltando as funções informacional, de formar leitores e seu aspecto cultural através de Hillesheim e Fachim (1999), Campello (2008), Moraes (2012), dentre outros. Nos resultados, constatamos que a estrutura do local favorecia a aprendizagem dos alunos e era apropriada aos usuários que a frequentavam. Seu funcionamento era condicionado à presença das professoras de biblioteca e as atividades que nela aconteceram foram variadas, visando principalmente, a formação leitora. As crianças fizeram apreciações positivas da biblioteca, destacando a valorização do acervo de livros e o espaço para aprenderem a ler.

Palavras-chave: Biblioteca escolar; Atividades; Crianças.

1. INTRODUÇÃO

A biblioteca escolar se constituiu no Brasil desde o período colonial, com o objetivo de conservação, ou seja, de guardar e preservar obras. Moraes, Valadares e Amorim (2013), evidenciaram que nas primeiras escolas confessionais jesuítas, nas quais predominam preceitos pedagógicos de transmissão de valores e conceitos, a biblioteca era conhecida como lugar de censura e silêncio. Os acervos eram compostos, prioritariamente, por materiais de caráter religioso e restritos aos membros das ordens religiosas, como monges, frades e bispos. Apenas com autorização, orientação e supervisão dos membros da igreja é que podiam ser realizadas ações como cópia, leitura e pesquisas de livros indicados. Sendo assim, não existiam momentos em que os estudantes escolhiam ativamente as obras e participavam de formas mais variadas de atividades.

Nas primeiras décadas do século XX houve uma difusão das bibliotecas escolares. Silva (2011) afirma que isto ocorreu diante de algumas mudanças educacionais propostas pelo movimento de renovação do ensino intitulado de Escola Nova, que defendeu a universalização da escola pública, laica e gratuita. Assim, surgem novas concepções de bibliotecas escolares o que tornam este espaço livre, acessível e com uma maior variedade de temáticas em seu acervo, sem a intervenção da igreja.

¹Aluna concluinte de Pedagogia na UFPE em período 2016.1. lislino@hotmail.com

²Aluna concluinte de Pedagogia na UFPE em período 2016.1. monica.moraesoliveira@yahoo.com.br

³Professora Orientadora Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Educação da UFPE. ju.mlima@yahoo.com.br

Na segunda metade do século XX, com a influência do poder dos governos militares, as escolas, em uma perspectiva diferente do movimento escolanovista, assumem uma tendência tecnicista. Nesta concepção, se destacam o autoritarismo e o processo de alienação, em que o ensino é concretizado sem relação com o contexto social ao qual se destinava. Nas bibliotecas, esses ideais resultam na priorização de procedimentos técnicos como identificar catalogação, classificar e/ou descrever obras, em detrimento de formas mais dialógicas e críticas de recorrer ao acervo.

Após o período da ditadura militar, no final do século XX, houve junto à expansão da educação básica, uma ampliação da concepção de biblioteca escolar e de suas funções. A educação passou a ser entendida como um direito fundamental para formação cidadã. Nesse contexto, surgem então algumas iniciativas governamentais de apoiar salas de leitura até chegar em 1997 ao Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), que tem como intuito garantir a distribuição de obras literárias, de pesquisa e referência às escolas públicas de educação básica, promovendo assim, o acesso à cultura e o incentivo à leitura nos alunos e professores. Para Paiva (2012), “(...) esse programa, com foco nas bibliotecas escolares das escolas públicas, significa a retomada da valorização desse espaço, a biblioteca, como um espaço promotor da universalização do conhecimento e, também, da universalização do acesso a acervos coletivo da escola” (p.16).

Em 2010, foi promulgada a Lei n.12.244 que almeja a universalização das bibliotecas nas escolas, tendo em vista que, segundo o Censo escolar de 2009 haviam bibliotecas em apenas 12,6% das creches; 29,6% das pré-escolas; e, 52% das escolas de ensino fundamental do Brasil.

A Lei n.12.244 é um avanço no que diz respeito à garantia do acesso de crianças a diferentes fontes de leitura, mas, outros aspectos como a qualidade e diversidade do acervo disponível, sua organização, o espaço físico da biblioteca e as práticas pedagógicas que nela acontecem também são fatores fundamentais, sendo estes três últimos focos de investigação deste trabalho.

Rosa (2012), em seu estudo, apresentou situações em que a biblioteca escolar estava inserida em várias formas de organização do trabalho pedagógico com a linguagem e ressaltou as atividades permanentes de educação literária e com grupos de interesse; os projetos didáticos, as excursões pedagógicas e eventos temáticos; a participação em concursos e conexão com redes virtuais e o apoio à pesquisa escolar, como exemplos de possibilidades para articular este espaço ao que acontece em sala de aula.

Estudos já propostos tanto em biblioteconomia (CAMPELLO 2012; CAMPELLO et al, 2013), quanto na área de educação (ROSA, 2012) sinalizam a importância de pesquisas sobre o funcionamento da biblioteca escolar, bem como sobre os profissionais da biblioteca.

Em 2013, Campello *et al.* realizaram um levantamento do estado da arte sobre a biblioteca escolar no Brasil e categorizaram em seis tipos as temáticas centrais dos trabalhos analisados: biblioteca escolar como espaço de aprendizagem (11 estudos); integração professor/bibliotecário (08 estudos); estudos de usos e usuários (13 estudos); análise da coleção e do acervo das bibliotecas (06 estudos); as práticas de leitura (17 estudos); pesquisas escolares (15 estudos).

Com base no levantamento de pesquisas realizado por Campello *et al* (2013), este trabalho se aproxima da temática que aborda a biblioteca escolar como espaço de aprendizagem. Os estudos com este assunto focalizaram a biblioteca com suas possibilidades, numa perspectiva de analisar as contribuições do espaço para o processo de aprendizagem, dos quais apenas quatro tinham crianças como participantes.

Em relação à pesquisa com crianças, Cruz (2008) ressalta a importância de estudos que envolvam estes sujeitos buscando captar julgamentos, desejos e preferências, tendo em vista que a maioria das investigações já feitas recorrem a adultos para obter essas informações. Nesse sentido destacamos que

O que as crianças falam pode subsidiar ações a seu favor e contribuir para mudanças que as beneficiem, porque o seu ponto de vista traz elementos que fortalecem pessoas e entidades preocupadas com os interesses das crianças e que desenvolvem ações para construir melhores condições para que a criança viva sua infância (CRUZ, 2008, p. 14).

Diante de algumas possibilidades de atividades a serem realizadas no espaço da biblioteca escolar, como as ressaltadas por Rosa (2012), surgiu o interesse pelo tema desta pesquisa, impulsionado inicialmente por uma experiência profissional em uma escola da rede privada do município de Recife, que possuía biblioteca ativa e constituía este espaço como um ambiente agregador no processo de aprendizagem dos alunos.

Nessa vivência, percebemos que os alunos sempre demonstravam prazer pelas atividades que aconteciam na biblioteca da escola. Sendo assim, começamos a nos questionar como são as bibliotecas escolares da rede pública de ensino, quais atividades são desenvolvidas nelas e se os alunos do Ensino Fundamental apreciavam a biblioteca escolar e quais suas justificativas.

Desse modo, propomos como objetivo geral analisar o que dizem as crianças sobre a biblioteca escolar. E, como objetivos específicos buscamos (1) compreender a estrutura da biblioteca escolar; (2) compreender o funcionamento da biblioteca escolar; (3) identificar os tipos de atividades realizadas pelos alunos na biblioteca escolar e (4) mapear o que dizem os alunos sobre a biblioteca escolar.

Assim, consideramos esse estudo relevante, tendo em vista que por meio do que os estudantes dizem, podemos refletir e melhorar as atividades desenvolvidas na biblioteca escolar, além de contribuir para um trabalho mais significativo neste espaço.

A seguir, apresentaremos o referencial teórico, que está dividido em duas partes. A primeira corresponde a concepção de biblioteca escolar que abordamos nesse trabalho e suas funções informacional, de formar leitores e cultural. A segunda parte ressalta a importância de ouvir as crianças e discute resultados de pesquisas sobre biblioteca escolar, que tiveram estudantes como participantes.

2.1. A BIBLIOTECA ESCOLAR E SUAS FUNÇÕES

Campello (2003) ao pesquisar sobre a função educativa da biblioteca escolar no Brasil faz referência à Escola Nova, a partir de textos publicados em periódicos e anais de encontros de biblioteconomia, no período de 1960 a 2003. A autora retoma as contribuições de Lourenço Filho⁴ para romper com a concepção de que a biblioteca escolar deveria funcionar apenas como um depósito de livros, e pontua dois papéis educativos como seu legado: o da leitura e o da pesquisa. Também evidenciou em seu estudo que os praticantes da área de biblioteconomia sinalizavam a ação cultural da biblioteca escolar como mais um papel crucial.

A biblioteca escolar no decorrer da história assumiu diferentes funções. De modo amplo, vem sendo definida como um recurso que

(...) localiza-se em escolas e é organizada para integrar-se com a sala de aula e no desenvolvimento do currículo escolar. Funciona como um centro de recursos educativos, integrado ao processo de ensino-aprendizagem, tendo como objetivo primordial desenvolver e fomentar a leitura e a informação. Poderá servir também como suporte para a comunidade em suas necessidades (PIMENTEL; BERNARDES; SANTANA, 2007, p. 23).

Atualmente, as orientações legais formuladas por profissionais de educação e pelo Ministério da Educação, como é o caso do material intitulado Biblioteca Escolar (2007), consideram este espaço indispensável na rotina escolar. Ainda segundo os dispositivos

⁴ Educador integrante do movimento escolanovista na década de 1940.

governamentais, para que a biblioteca seja compreendida como local de aprendizagem, deve estar associada ao Projeto Político Pedagógico da escola e ao planejamento dos professores.

Hillesheim e Fachim (1999) em seu estudo ressaltam os seguintes objetivos da biblioteca escolar:

Ampliar conhecimentos, visto ser uma fonte cultural; colocar à disposição dos alunos um ambiente que favoreça a formação e desenvolvimento de hábitos de leitura e pesquisa; oferecer aos professores o material necessário à implementação de seus trabalhos e ao enriquecimento de seus currículos escolares; colaborar no processo educativo, oferecendo modalidades de recursos, quanto à complementação de ensino-aprendizagem, dentro dos princípios exigidos pela moderna pedagogia; proporcionar aos professores e alunos condições de constante atualização de conhecimento em todas as áreas do saber; conscientizar os alunos de que a biblioteca é uma fonte segura e atualizada de informações; estimular nos alunos o hábito de frequência a outras bibliotecas em busca de informações e/ou lazer; integrar-se com outras bibliotecas, proporcionando intercâmbios culturais, recreativos e de informações (HILLESHEIM; FACHIM, 1999, p.68).

Identificamos acima três finalidades que devem ser cumpridas para garantia do pleno funcionamento da biblioteca escolar: desenvolvimento da competência informacional, à formação de leitores e o aspecto cultural.

A denominação competência informacional veio da área de biblioteconomia, inicialmente nos Estados Unidos. Aos poucos, foi sendo disseminada, e usada por estudos na área em vários países. Significa a existência de um conjunto de habilidades nas quais, torna-se possível compreender o uso de informações de fontes eletrônicas. À medida que foi ganhando novos estudos, o termo passou a abranger também, as habilidades de compreender, pensar e analisar informações em qualquer tipo de fonte, seja ela impressa ou eletrônica.

Andrade (2008) evidencia o grande leque de alternativas trazidas pela biblioteca escolar, necessitando ser vista como um espaço vivo de aprendizagem, no que concerne à formação de alunos participativos e preparados para viver no mundo contemporâneo, cercados por uma competência informacional.

O desenvolvimento da competência informacional, segundo Campello (2008) está diretamente associado à prática dos professores, que por sua vez quando optam pelo processo mais interativo, buscam compreender as necessidades e os questionamentos dos alunos, e desta forma, conseguem auxiliá-los a atingir soluções e estimular a criticidade.

Campello (2006) ressalta a necessidade de apresentar e de proporcionar o letramento informacional, no qual a criança deve, desde cedo, conseguir desenvolver as habilidades propostas pela competência informacional, tendo em vista que

(...) estamos falando de competência informacional na perspectiva de sua escolarização. Isso significa que consideramos possível levar os alunos a se familiarizar desde cedo com o aparato informacional do mundo letrado, desde que respeitando seu estágio de desenvolvimento (CAMPELLO, 2006, p. 64).

Podem ser realizadas nas bibliotecas atividades de localização de materiais (livros, revistas, jornais, enciclopédias, mapas), pesquisas na internet, rodas de debate, produções de textos de diversos gêneros, com vários recursos, e até mesmo exibição de filmes e documentários. O importante, para que a função informacional seja cumprida com sucesso, é que sejam oferecidas várias possibilidades de uso do espaço e dos recursos que ele possui, e que os estudantes possam executá-los ativamente.

Nas atividades que possibilitam a formação de leitores, a biblioteca escolar se configura como um espaço que promove o estímulo à leitura. Conforme explicita Morais (2012), “a biblioteca escolar deve funcionar como campo profícuo para o desenvolvimento de práticas de incentivo à leitura, como lócus privilegiado para a formação de leitores e em um núcleo ligado ao esforço pedagógico dos professores (p. 39)”.

A formação de leitores proficientes é conceituada no Glossário Ceale online, da seguinte forma:

Aquele que não só decodifica as palavras que compõem o texto escrito, mas também constrói sentidos de acordo com as condições de funcionamento do gênero em foco, mobilizando, para isso, um conjunto de saberes (sobre a língua, outros textos, o gênero textual, o assunto focalizado, o autor do texto, o suporte, os modos de leitura) (MATA, 2015).

Ou seja, é o leitor que compreende o que lê e faz uso social da leitura e da escrita através dos diferentes gêneros nos quais lidamos no dia a dia.

A dimensão da leitura é fundamental porque o ato de ler é coletivo na medida em que é influenciado pelo fator social e a leitura é uma das práticas mais frequentes em nossa vida. Assim, a biblioteca escolar que dispõe de um acervo de qualidade e adequado à faixa etária do público que a frequenta, que desenvolve atividades culturais permanentes, que instigam o prazer pela leitura, que diversifica o contato com textos de diferentes gêneros e suportes, e que possui um profissional capacitado a mediar momentos de leitura, torna-se um espaço que possibilita e favorece essa formação, quando desenvolve na comunidade escolar o hábito de frequentá-la.

A função cultural está associada à ideia de que

A biblioteca constituindo-se de um espaço de ação cultural tem a possibilidade de privilegiar a formação não apenas de indivíduos

leitores, mas indivíduos críticos capazes de produzir cultura, eles têm as condições necessárias para não serem apenas meros observadores da produção cultural (CHAVES, 2015, p. 269).

Ou seja, uma biblioteca pautada nessa perspectiva disponibiliza informação e dissemina cultura, gerando assim, a ampliação e diversificação de possibilidades de construir conhecimento, à medida que forma leitores críticos.

Em 2005, a Federação Internacional das Associações de Bibliotecários e Instituições (INFLA), juntamente à UNESCO, criaram um documento que definiu as diretrizes para as bibliotecas escolares de todo o mundo, a fim de melhorarem as atividades nelas executadas. Este documento apresenta um tópico criado para a função cultural que a biblioteca pode exercer, como sendo um ambiente esteticamente estimulante, no qual os alunos possam criar, e vivenciar diversas experiências construtivas, bem como:

Eventos especiais podem ser organizados na biblioteca, tais como exposições, visitas de autores e datas internacionais comemorativas. Se houver espaço suficiente, os estudantes podem apresentar encenações inspiradas na literatura, para os pais e outros colegas; o bibliotecário pode organizar reuniões [para troca de ideias] sobre livros e também a “hora do conto”, para alunos mais jovens; ele pode estimular o interesse pela leitura e organizar programas que promovam o desenvolvimento do gosto pela literatura (INFLA, 2006, p. 19).

Sendo assim, a biblioteca também pode ser compreendida como um espaço cultural, em que a comunidade escolar, e principalmente, os alunos poderão ser atraídos a participar deste ambiente, desenvolvendo sua capacidade de interação e sua própria identidade.

Diante do cumprimento dessas funções, os alunos poderão ser apresentados a diversas possibilidades de leitura, ampliar seus conhecimentos a respeito da sociedade na qual estão inseridos, além de rever seus conceitos, levando essas novas aprendizagens para os grupos sociais nos quais fazem parte.

2.2. A BIBLIOTECA ESCOLAR A PARTIR DO OLHAR DOS ESTUDANTES

A concepção de infância se modificou ao longo do tempo. Inicialmente a criança não era compreendida em sua singularidade como sujeito social e histórico, sendo assim, não tinha direito a voz. Além de permear a vida social, essa forma de compressão também estava presente em espaços pedagógicos, como escolas e creches (CRUZ, 2008).

Atualmente, entendemos a criança como ser pensante, produtora de cultura, que sente e vive o mundo de um jeito próprio. Assim, o documento oficial do Ministério da Educação, que inclui a criança de seis anos no Ensino Fundamental, destaca:

Entender que as pessoas são sujeitos da história e da cultura, além de serem por elas produzidas, e considerar os milhões de estudantes brasileiros de 0 a 10 anos como crianças e não só estudantes, implica ver o pedagógico na sua dimensão cultural, como conhecimento, arte e vida, e não só como algo instrucional, que visa a ensinar coisas (BRASIL, 2007, p.20).

Admitir que os estudantes possuem ideologias, opiniões e são ativos no processo de ensino-aprendizagem, significa repensar a prática pedagógica, abrindo espaço para que se expressem e também se reconheçam como produtoras de conhecimento e cultura.

De fato, o campo de pesquisa sobre crianças tem um corpo bastante abrangente, porém, conforme ressalta Cruz (2008), muito ainda temos a conhecer sobre a pesquisa com crianças. A autora enfatiza a importância de “buscar formas de ouvir as crianças, explorando as suas múltiplas linguagens, tem como pressupostos a crença de que elas têm o que dizer e o desejo de conhecer o ponto de vista delas” (CRUZ, 2008, p. 13).

Nesse sentido, apresentamos resultados de pesquisas que buscaram ouvir o que estudantes dizem em relação à biblioteca escolar. Inicialmente, pesquisamos trabalhos que investigassem crianças, entretanto, diante da existência de poucos materiais que tivessem esses sujeitos, abrangemos a busca para estudantes de diferentes faixas etárias.

A pesquisa de Ross Todd e Carol Kuhlthau, conhecida como estudo de Ohio (realizada nos EUA), foi apresentada por Campello (2012), em que evidencia nesse estudo situações em que a biblioteca escolar auxilia na aprendizagem dos alunos. A pesquisa contava com questionário eletrônico, que era respondido de forma voluntária com questões de múltipla escolha e uma questão aberta e teve a participação de 13.123 alunos com idades entre 7 a 20 anos.

Do total, apenas setenta e três estudantes responderam que a biblioteca escolar não os ajudava de alguma forma. Os resultados além de evidenciarem o potencial pedagógico do referido espaço, na visão de seus usuários, também revelaram, através da quantidade de sujeitos voluntários participantes, a vontade dos estudantes de se expressarem em relação às atividades que vivenciam.

Souza (2013) realizou uma pesquisa sobre as contribuições da biblioteca escolar no trabalho com leitura literária na Educação Infantil. O estudo foi realizado com quatro escolas, sendo duas do município de Recife e duas do município de Jaboatão dos Guararapes. Apenas uma das quatro escolas não possuía biblioteca. Os participantes foram quatro professoras, três responsáveis pelas bibliotecas, uma gestora e quatorze estudantes que tinham entre 4 e 5 anos de idade.

Os profissionais entrevistados verbalizaram o reconhecimento da importância da biblioteca na escola e do incentivo às práticas de leitura, porém, foi observado, que este espaço não era utilizado de uma maneira que possibilitasse a participação dos estudantes por motivos diversos, como por exemplo, falta de espaço e tempo. Além disso, nas escolas em que haviam bibliotecas, analisou-se que havia uma falta de organização dos profissionais no planejamento de atividades.

Entretanto, as crianças que foram ouvidas disseram gostar da biblioteca das suas escolas, porque nesse espaço elas podem ouvir histórias contadas pelas professoras, podem contar histórias, desenhar, assistir vídeos, interagir com os colegas, etc. A maioria das crianças disse que gostaria de ir à biblioteca diariamente.

Foi evidenciada, então, através desta pesquisa, que o investimento na estrutura da biblioteca, no acervo que a compõe e na formação de professores e profissionais, revela-se algo indispensável no processo de incentivo a práticas que desenvolvam a leitura, uma vez que os estudantes já possuem uma positiva identificação com o espaço.

Gonçalves e Ferreira (2007) buscaram verificar o uso e função da biblioteca a partir do olhar do aluno, bem como, refletir sobre seu papel na dinâmica escolar e na organização das atividades de leitura realizadas na escola. Para realizar a investigação, as pesquisadoras entrevistaram 91 estudantes de uma escola pública estadual da cidade do Recife – PE, da 1ª, 4ª, 6ª e 8ª séries do Ensino Fundamental; e do 3º ano do Ensino Médio (os alunos tinham idades entre 6 e 19 anos).

Os dados da pesquisa foram organizados em três categorias. A primeira abordou a questão do (des)conhecimento da biblioteca escolar e de bibliotecas públicas. Observou-se que ao longo dos anos de escolarização havia uma progressão em relação ao conhecimento destes espaços.

Em relação à frequência de acesso e os modos de utilização (segunda categoria), foi constatado unanimemente, em todas as turmas investigadas, que não havia sistematicidade de ida à biblioteca.

A terceira categoria é referente ao material consumido na biblioteca, em que foi possível perceber que a maioria dos estudantes afirma utilizar livros didáticos, o que se justifica porque a pesquisa e o trabalho escolar são as principais atividades desenvolvidas na biblioteca da escola. Por outro lado, ainda segundo as autoras, com menos frequência houve também um trânsito informal do material disponível entre os alunos, inclusive daqueles considerados pouco valorizados pela a escola e a sociedade, como é o caso, do gibi e de outros gêneros textuais.

Gouveia e Leal (2001) realizaram uma pesquisa com 40 estudantes (20 alunos com frequência regular nas aulas e 20 alunos com baixa frequência nas aulas) da 5ª e 6ª série (com idades entre 10 e 14 anos), em uma biblioteca escolar de Olinda, em que pretendiam identificar os tipos de materiais escritos que os adolescentes leem neste espaço e investigar os motivos que os levam a procurar a biblioteca.

Um dos aspectos analisados pelas autoras foi a justificativa dos alunos para frequentarem a biblioteca escolar. Nos resultados obtidos dos alunos que frequentam as aulas, três categorias estavam relacionadas ao gosto das crianças (Ler coisas interessantes / que eu gosto, 60%; porque gosto e para fazer pesquisa, 5%; e porque eu gosto, 5%). Para os alunos que não frequentam as aulas, apenas 2 categorias foram mencionadas (Ler coisas interessantes / que eu gosto, 30%; porque gosto e para fazer pesquisa, 5%).

Em suma, as pesquisas apresentadas acima revelaram que a escuta dos alunos possibilita compreender as relações que eles estabelecem com o espaço da biblioteca escolar, e nos faz refletir sobre as aproximações e distanciamentos dos objetivos propostos para este espaço (HILLESHEIM e FACHIM, 1999) e da prática que nele é exercida. À medida que os alunos, desde a educação infantil, conhecem a biblioteca da escola e constroem com ela uma relação, as chances de fazer deste local um espaço para a ampliação e desenvolvimento da autonomia e da criticidade através da democratização da informação, do acesso à leitura e de práticas culturais, aumentam.

A seguir apresentaremos os procedimentos metodológicos utilizados para produção e análise de dados.

3. METODOLOGIA

A metodologia está dividida em 3 tópicos: procedimentos de coleta e análise de dados, escolha do campo de investigação e participantes da pesquisa.

3.1 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Para atender aos objetivos elencados, optamos pela pesquisa qualitativa, a fim de favorecer a compreensão da realidade pesquisada e a opinião das crianças, sendo de natureza subjetiva.

Bogdan e Biklen (1982) contribuem para o entendimento desse tipo de abordagem afirmando que “a pesquisa qualitativa ou naturalística envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o

processo do que o produto e se preocupa em relatar perspectivas dos participantes” (apud LÜDKE & ANDRÉ, 1986, p.13).

Os procedimentos de coleta escolhidos, observações (duas em cada ano de cada turno) e entrevistas com as crianças, possibilitaram responder aos objetivos específicos. Em cada dia de observação na biblioteca escolar, seis turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º, 2º e 3º ano do turno da manhã; 1º, 2º e 3º ano do turno da tarde) participaram da pesquisa. Após as observações entrevistamos 2 alunos de cada turma, em que utilizamos os seguintes critérios: 1 criança que teve maior participação nas atividades, 1 criança que teve menor participação. Totalizamos 12 observações e 24 entrevistas.

Realizamos observação não participante para compreendermos melhor o funcionamento da biblioteca. Mesmo não intervindo durante as observações, sabemos que pode ter ocorrido interferência nas interações entre os sujeitos por terem pesquisadoras no espaço. Segundo Richard (2008), nesse tipo de observação o pesquisador atua como espectador atento, “baseado nos objetivos da pesquisa, e por meio de seu roteiro de observação, ele procura ver e registrar o máximo de ocorrências que interessam ao seu trabalho” (p. 260).

Para compreender o que dizem as crianças em relação à biblioteca da escola em que estudavam, realizamos uma entrevista semiestruturada. Questionamos cada aluno entrevistado sobre “O que você acha da biblioteca da escola em que você estuda? Por quê? ”.

Para essa pesquisa, nos baseamos no trabalho de Lima (2011), que analisou práticas docentes e entrevistas com alunos do 5º ano do Ensino Fundamental para saber o que diziam sobre o ensino das professoras.

Em pesquisas com crianças, a entrevista se mostra bastante pertinente, uma vez que através dessas conversas, podemos compreender as opiniões delas a respeito da biblioteca escolar. De acordo com Carvalho et al (2004),

A entrevista é o principal instrumento de coleta, na medida em que se desejava apreender as concepções e percepções da criança sobre determinado fenômeno ou situação; em outros, a entrevista complementa a análise da observação direta do comportamento, oferecendo pistas para a compreensão de seu processo de desenvolvimento a partir de seus comentários e justificativas. (p.9).

Os procedimentos de observação e entrevista realizados foram gravados, filmados e as entrevistas foram transcritas para a construção das categorias e subcategorias.

Os dados foram analisados com base na análise de conteúdo proposta por Bardin (1977) através da análise de conteúdo. Fizemos um cruzamento de dados a partir da análise da

estrutura da biblioteca, de seu funcionamento, dos tipos de atividades e da categorização das entrevistas das crianças, de acordo com os objetivos de estudo.

3.2. ESCOLHA DO CAMPO DE INVESTIGAÇÃO

A escolha da escola se deu mediante a indicação de alguns profissionais da rede de ensino de Recife e através do Programa Manuel Bandeira de Formação de Leitores (responsável pela formação dos profissionais de biblioteca da rede pública que atuam nas bibliotecas escolares do município), que elaborou uma lista com o nome de oito escolas municipais sugeridas para realizarmos a pesquisa.

Inicialmente pesquisamos os níveis de ensino que cada escola sugerida atendia. Em seguida, entramos em contato com as escolas que possuíam turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental, com o objetivo de obter informações sobre suas bibliotecas. Questionamos se havia professor(a) de biblioteca, o horário de funcionamento, se os alunos possuíam uma rotina de trabalho no espaço, se no Projeto Político Pedagógico da instituição havia alguma recomendação em relação ao uso da biblioteca. A partir da organização dessas informações, escolhemos o campo de investigação.

Optamos por uma biblioteca escolar que respondesse positivamente aos critérios acima discriminados, e que atendesse às turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Para a realização da pesquisa solicitamos autorização da Secretaria Municipal de Educação de Recife, e consentimento dos profissionais envolvidos, dos alunos participantes das entrevistas e de seus responsáveis.

Realizamos um estudo piloto, que não foi contabilizado nos dados que apresentaremos a seguir, em que observamos uma mediação de cada turma que participou da pesquisa (totalizando 6 turmas) e entrevistamos 12 crianças (duas de cada turma), nos permitindo adequar o roteiro de observação e a pergunta da entrevista.

3.3. PARTICIPANTES DA PESQUISA

Participaram da pesquisa duas professoras de biblioteca, uma em cada turno, efetivas da rede municipal de Recife, que foram readaptadas em função de problemas na voz.

A professora que atuou na biblioteca no turno manhã, tinha em 2016 35 anos de idade, era graduada em Pedagogia, pós-graduada em Psicopedagogia e mestre na área de Ciências da Linguagem. Possuía 12 anos de vínculo na rede municipal de Recife e na escola observada, sendo 9 anos como professora dos anos iniciais e 3 anos como professora de biblioteca.

A professora do turno da tarde tinha 38 anos de idade, com formação no curso de magistério, licenciatura em história (incompleto) e estava cursando o 5º período de pedagogia. A profissional é concursada pela rede municipal de Recife há 12 anos. Há 10 anos trabalha na escola observada, sendo 7 anos como professora dos anos iniciais e 3 anos como professora de biblioteca. Ambas participam mensalmente do programa intitulado Manuel Bandeira de Formação de Leitores, oferecido pela Secretaria Municipal de Educação do Recife, a qual objetiva formar profissionais de biblioteca e do curso Zumbaiar, que forma contadores de histórias.

Os alunos entrevistados nos dias de observação foram diferentes. No turno da manhã foram ouvidas 12 crianças, sendo 4 do 1º ano, 4 do 2º ano e 4 do 3º ano. No turno da tarde foram ouvidas 12 crianças, sendo 4 de cada ano. O quadro abaixo apresenta as crianças entrevistadas de maneira mais específica.

Quadro1. Crianças entrevistadas.

Turma	Quantidade de alunos entrevistados	Idades dos alunos entrevistados	Datas de observações
1º Ano – Manhã	4	6 anos	04/04/2016 e 11/04/2016
1º Ano – Tarde	4	6 anos	04/04/2016 e 13/04/2016
2º Ano – Manhã	4	7 e 8 anos	04/04/2016 e 02/05/2016
2º Ano – Tarde	4	7 e 8 anos	04/04/2016 e 13/04/2016
3º Ano – Manhã	4	8 a 10 anos	04/04/2016 e 02/05/2016
3º Ano – Tarde	4	8 e 9 anos	04/04/2016 e 13/04/2016

Fonte: Lino e Oliveira (2016).

4. ANÁLISE DOS DADOS

As análises estão organizadas em quatro tópicos relativos à biblioteca escolar. O primeiro refere-se à sua estrutura física. O segundo apresenta um panorama sobre o seu funcionamento e o terceiro expõe as atividades que acontecem nesse espaço. No quarto e último, analisamos o que dizem as crianças sobre a biblioteca e suas justificativas.

4.1. ESTRUTURA DA BIBLIOTECA

Neste tópico abordamos alguns aspectos referentes à estrutura da biblioteca escolar investigada, como, espaço físico, acervo, organização do acervo e recursos disponíveis de computadores ligados à internet.

A biblioteca escolar pesquisada está localizada em uma sala ampla, próxima às salas de aula e ao refeitório e foi adaptada para que se caracterizasse como tal. Antes de reformado, o espaço servia como depósito para materiais diversos da escola. A reforma do local

aconteceu em 2011, a partir do recebimento de uma verba do PDDE⁵, em que foi realizada uma votação com a comunidade escolar para deliberar sobre o que seria feito com o dinheiro recebido, resultando na decisão de ter uma biblioteca, o que levou a reorganização do local.

Desde que a biblioteca começou a funcionar, recebeu o nome da primeira professora da comunidade (também escolhido por meio de votação).

Como podemos notar, houve envolvimento tanto da comunidade quanto da gestão da escola em prol da construção de uma biblioteca, o que demonstra uma valorização deste espaço, permitindo à comunidade escolar o contato com um ambiente leitor e cultural.

O estudo de Avaliação das Bibliotecas Escolares no Brasil (BRASIL, 2011), contou com a participação de 200 escolas, pertencentes aos estados de Santa Catarina, Goiás, Rio de Janeiro, Acre e Bahia. Nessa pesquisa, um dos dados considerados para análise foram as instalações físicas das bibliotecas escolares. O mobiliário foi um dos aspectos criticados, pois não eram confortáveis para as atividades propostas, parecendo ser mais valorizada a estética desses objetos.

Na escola que observamos, nos deparamos com uma realidade diferente a da descrita no estudo acima, pois percebemos o empenho de tornar aquele ambiente bonito, e que todo o mobiliário visava atender as necessidades dos usuários de forma cômoda.

Em sua estrutura física, encontramos objetos pertencentes à biblioteca como estantes, armários, mesas redondas para seis lugares, cadeiras, um computador desativado, uma televisão afixada na parede ligada a um home theater e um notebook. As estantes ficavam ocupadas prioritariamente com livros literários, e, em menor quantidade, estavam as enciclopédias, dicionários, pastas, miniaturas de globo terrestre, e alguns enfeites decorativos.

Também observamos objetos que não pertenciam à biblioteca como as caixas com materiais distribuídos pelo Ministério da Educação como jogos de alfabetização e materiais para serem utilizados em sala do Pacto Nacional pela Alfabetização da Idade Certa, caixas com jogos de Lego (brinquedos de encaixe, distribuídos pela prefeitura do Recife para a realização de projetos de Robótica), mesas de tecnologia da editora Positivo (adquiridas pela prefeitura do Recife) e alguns presentes, que fazem parte de um programa beneficente, em que crianças da escola enviaram cartinhas de natal para os correios e algumas delas foram selecionadas para recebê-los, sendo assim, os presentes chegaram fora da data e acabaram não sendo entregues em função de alguns alunos não terem sido localizados.

⁵ Programa Dinheiro Direto na Escola tem como finalidade dar assistência financeira às escolas públicas de educação básica, visando melhoria da infraestrutura física e pedagógica, o reforço da autogestão escolar e a elevação dos índices de desempenho desta etapa de ensino.

A biblioteca tinha acomodações adequadas para os seus usuários, bem como de mobiliários que acomodam bem seu acervo. As condições ambientais podem ser descritas, de maneira geral, como favoráveis, sendo o ambiente limpo, organizado, climatizado, de fácil acesso e localizado no térreo.

Ainda em relação ao espaço físico, Campello et al (2010) também trazem contribuições a partir da elaboração de um documento em que são estabelecidos parâmetros para a qualidade das bibliotecas escolares do Brasil. Fazendo uma comparação do que consta no documento com o que identificamos no campo de pesquisa, em nível básico são contemplados os seguintes aspectos: medidas do espaço, a qual possui a metragem mínima (50m²); acomodação dos usuários para consultar os materiais e/ou realizar atividades, a qual possui assentos suficientes para acomodar simultaneamente uma classe inteira, além de usuários avulsos; ambientes para os serviços fim e para serviços técnicos e administrativos. Diferente do que sugeria os referidos parâmetros neste aspecto, constatamos apenas a ausência de salas para uso individual e de grupos, locais específicos para uso de equipamentos de mídia e salas de projeções.

No tocante ao acervo, identificamos uma predominância de materiais em suportes impressos. As obras foram adquiridas através de bônus disponibilizado para compra de livros na Bienal do Livro de Pernambuco, de doações e advindas de programas como Manuel Bandeira de Formação de Leitores (promovido pela rede de ensino municipal), PNBE⁶, PNAIC⁷, PDE⁸ e PDDE. Há um maior volume de livros literários infantis em detrimento dos demais materiais como gibis, livros para professores, dicionários, revistas, CD's, DVD's, etc.

O procedimento de registro da escola é feito por meio de tombamento. Os livros, por serem o tipo de material mais utilizado pelas pessoas que frequentam a biblioteca, foram priorizados nesse processo, apesar da necessidade da organização e catalogação dos demais materiais. O último livro foi tombado no mês de fevereiro de 2016, contabilizando 2.427 obras, um grande número de obras, e que atende bem a demanda dos alunos.

Identificamos que os livros também estavam catalogados por cores, por exemplo, as enciclopédias possuem marcação amarela, os livros direcionados às crianças possuem marcação vermelha e assim em diante. Assim, os livros catalogados ficavam dispostos nas estantes em pé, apenas com a parte lateral visível. O acervo bibliográfico encontrava-se em

⁶ Programa Nacional Biblioteca da Escola.

⁷ Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.

⁸ Plano de Desenvolvimento da Escola.

boas condições (limpo, sem rasuras e sem depredação), e apresentava sinais de desgaste normal.

Concordando com Campello et al (2010), Abreu (2008) ressalta que a coleção da biblioteca escolar, não deve ser organizada de forma aleatória. Deste modo, identificamos uma coerência nas ações das profissionais que atuam na biblioteca, visto que elas se preocupavam com esta organização do acervo de acordo com os autores, títulos, assuntos e nas necessidades dos usuários, professores e alunos.

Com base nos parâmetros formulados por Campello et al (2010), em relação ao acervo existente na biblioteca, verifica-se uma boa quantidade de obras, uma diversidade em relação a temática, autores, editoras e gêneros textuais. Isto é importante para contemplar interesses, gostos e motivações distintas, conforme identificamos no material sobre bibliotecas escolares, distribuído pelo Ministério da Educação (2006). “Quanto maior for a diversidade de títulos disponíveis no acervo, maior a probabilidade de ampliação do universo de referências do leitor” (BRASIL, 2006, p.12). Nesse sentido, vimos que a biblioteca escolar trouxe essa possibilidade.

De acordo com as profissionais de biblioteca e com os registros das observações notamos que não há acervo digital de livros. Campello (2008) destaca a importância da existência de um acervo digital para o desenvolvimento da competência informacional e consideramos uma lacuna a falta de computadores ligados à internet, uma vez que este acervo possibilita a interação com fontes de diferentes naturezas, sejam elas eletrônicas ou impressas.

4.2. FUNCIONAMENTO DA BIBLIOTECA ESCOLAR

O funcionamento da biblioteca escolar observada era nos turnos manhã (7h às 11h45) e tarde (13h às 17h), de acordo com o horário da escola, sempre com uma professora. A escola possui 27 turmas (13 turmas de manhã e 13 à tarde), divididas entre 1º, 2º e 3º ano do ensino fundamental e em cada turno havia atendimentos por turmas, em horários específicos, na biblioteca. Esta organização no funcionamento diferencia-se da realidade das bibliotecas escolares pesquisadas por Souza (2013), revelando um aspecto positivo, já que permite uma regularidade nos atendimentos das turmas da escola.

Os atendimentos, geralmente, aconteciam nos seguintes dias: segundas-feiras às quintas-feiras no turno da manhã; e segundas, quartas e quintas-feiras no turno tarde (pois, nas terças-feiras a professora da tarde se ausenta da escola para realizar o estágio obrigatório da faculdade na qual estuda). Nas sextas-feiras a biblioteca não era aberta aos alunos, sendo

realizadas atividades internas, como catalogação de livros, organização do acervo e formação continuada.

As mediações geralmente duram em torno de 50 minutos, por turma, tempo que consideramos favorável para a realização das atividades, tendo em vista que quando há necessidade, as professoras estendem um pouco este tempo.

Apesar da existência de uma rotina para o atendimento às turmas, há uma flexibilidade no que se refere à presença das professoras na biblioteca, pois elas tinham liberdade de trocar de horário, quando necessitavam. Esse fator faz com que, em alguns dias, os alunos de apenas um dos turnos vivenciem experiências pedagógicas na biblioteca.

Percebemos também que o acesso dos estudantes era restrito à presença das professoras da mesma. Conforme Carvalho (2008), “a escola que pretenda investir na leitura como um ato verdadeiramente cultural não pode ignorar a importância de uma biblioteca aberta, interativa, espaço livre para expressão genuína da criança e do jovem” (CARVALHO, 2008, p. 23). Assim, identificamos um distanciamento da participação da gestão da escola, para evitar que o funcionamento da biblioteca fique associado apenas à presença das professoras, e que, sobretudo, os estudantes sejam prejudicados em relação a frequência e ao acesso neste local.

4.3. TIPOS DE ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA BIBLIOTECA ESCOLAR

Durante o período de observação, identificamos a ocorrência de sete atividades na biblioteca escolar, organizamos um quadro para apresentá-las, indicando as funções que elas mais se enquadram:

Quadro 2. Atividades desenvolvidas na biblioteca escolar e suas funções.

Atividades identificadas	Funções
1. Mediação de leitura	Formação de leitores
2. Empréstimo de livros	Formação de leitores
3. Contação de histórias	Formação de leitores /Cultural
4. Seleção de materiais de pesquisa para alunos e professores	Informacional
5. Exibição de vídeo	Cultural
6. Mediações nos eventos da escola ligados às datas comemorativas	Cultural
7. Oficinas com produções de textos (ex: oficina de cordéis)	Cultural

Fonte: Lino e Oliveira (2016)

Mesmo considerando uma forte relação entre as três funções da biblioteca, na exposição do quadro, buscamos relacionar a função que estava mais contemplada na atividade apresentada.

A diversidade de propostas ao pensar nas atividades a serem desenvolvidas na biblioteca evidenciou uma tentativa das profissionais em possibilitar o cumprimento das funções da biblioteca, explicitadas por Hillesheim e Fachim (1999) quanto à função informacional, à formação de leitores e ao aspecto cultural, que devem ser cumpridos para garantir seu pleno funcionamento. A interação entre as três funções permite a construção de uma rotina que, efetivamente, favorece o processo de aprendizagem.

Os modos de realização das atividades (se os alunos ficariam em círculo, organizados em pequenos grupos, ou individualmente) variaram e ficaram a critério de cada profissional. As temáticas abordadas nas atividades observadas foram escolhidas através dos seguintes critérios: combinadas entre as duas professoras de biblioteca, pela internet ou telefone, indicadas pela rede municipal de ensino, pela gestão da escola e pelas demais professoras da escola.

A título de exemplo, em relação à indicação dos temas sugeridos pela rede de ensino e trabalhados na biblioteca, percebemos que através de ações das profissionais de biblioteca são promovidas discussões sobre assuntos como bullying, combate ao mosquito *Aedes aegypti*, olimpíadas 2016, entre outros, relacionados ao tema do ano letivo da rede municipal de Recife, intitulado de "Educação e protagonismo: estudantes pesquisadores e atores ativos na construção do saber", no qual os alunos podiam aprender um mesmo tema em espaços diversos como nas salas de aula e na biblioteca, com abordagens variadas.

Nas atividades de oficinas de produção de textos, observamos no turno da manhã a construção coletiva de um cordel relacionado ao tema da mediação vivenciada, sobre as doenças transmitidas pelo mosquito *Aedes aegypti*. Na realização dessa atividade, a professora iniciou o texto, e os alunos continuaram, e todas as turmas atendidas no dia da observação participaram da criação do cordel, e no final, o texto foi unificado.

Para que os alunos pudessem levar os livros para casa, foi realizada uma pré-seleção dos mesmos pelas professoras, que utilizam como critério, os materiais mais adequados para o grupo e faixa etária. Apesar de validarmos a preocupação das professoras em pensar nestes materiais, percebemos que o gosto dos alunos não foi priorizado, uma vez que a pré-seleção restringia a escolha do material que era emprestado. A participação neste processo de escolha se revela algo muito importante na construção da autonomia dos alunos, uma vez que este momento poderia ser aproveitado não somente como a execução de uma atividade, mas de uma ocasião oportuna a fim desenvolver a formação pessoal dos mesmos.

Na atividade de empréstimo de livros, em que os alunos levaram obras para casa em três dias observados (dois dias no turno da manhã, sendo que em um dos dias os alunos do 3º

Ano não levaram, e um dia no turno da tarde), percebemos que a seleção acontecia de acordo com os planejamentos das profissionais de biblioteca, e não de forma espontânea pelos alunos. Para ter acesso ao acervo de livros, as professoras faziam consultas para levantar os materiais disponíveis de forma manual e não eletrônicas.

Pouco tempo antes do início das observações, a biblioteca passou por uma reforma na parte elétrica, para a instalação das mesas de tecnologia. No período de observação os livros ainda estavam sendo reorganizados nas estantes. Havia divisórias de papel com os nomes dos autores de obras infantis. Também tinham estantes com materiais de apoio, como livros didáticos, revistas e enciclopédias só para os professores. Outros livros ficavam dispersos nas mesas, ou em caixas. Segundo as professoras dos dois turnos, esta desorganização causada pela reforma, justificava o fato delas realizarem uma pré-seleção do material que os alunos utilizavam, não havendo espaço para eles escolherem os livros espontaneamente nas estantes. A ida às estantes seria algo muito positivo, pois além de desenvolver a autonomia das crianças, poderia também incentivar e diversificar o interesse deles pelo acervo.

Para a contação de histórias, as professoras explicavam que se baseavam em livros e utilizavam recursos como músicas e parlendas. As histórias escolhidas demonstravam estar em um planejamento. Para ilustrar, descreveremos brevemente uma situação em que ocorreu a contação.

As duas professoras realizaram (cada uma em seu turno) um dia de atividades relacionadas a Monteiro Lobato. A escolha desta temática foi feita em função da data de nascimento do referido autor (18 de abril de 1882), que completaria no ano de 2016, 134 anos. Na biblioteca foram espalhadas obras antigas de Monteiro Lobato. Os alunos assistiram a um vídeo que apresentava suas obras, em seguida, as professoras contaram a Fábula de Esopo do Leão e o Rato (traduzida por Monteiro Lobato). Por último os alunos puderam folhear e ler os livros antigos. Percebemos que os alunos vibraram a cada atividade realizada, demonstrando apreciarem as mesmas e o tema escolhido.

Apesar de as profissionais de biblioteca não possuírem formação biblioteconomia, como indica Campello et al (2010), as mesmas realizam formações que as auxiliam no trabalho na biblioteca. Assim, diante das atividades realizadas neste âmbito, contemplaram a modalidade oferta de serviços, em que estão discriminados os seguintes aspectos: “consulta no local, empréstimo domiciliar, atividades de incentivo à leitura e orientação à pesquisa, além de serviço de divulgação de novas aquisições, exposições e serviços específicos para os professores, tais como levantamento bibliográfico e boletim de alerta” (CAMPELLO et al, 2010).

4.4. O QUE OS ALUNOS DIZEM SOBRE A BIBLIOTECA ESCOLAR

Além das observações, realizamos entrevistas com algumas crianças com a finalidade de compreendermos o que elas achavam da biblioteca da escola e o porquê. Percebemos que os 24 alunos entrevistados gostavam da biblioteca da escola. As respostas obtidas sobre o que elas acham deste espaço foram: “boa, muito boa, legal, muito legal e divertida”.

Em relação às justificativas das crianças para gostarem da biblioteca, foram explicitados mais de um motivo que as faziam gostar do referido espaço. Para evidenciar os elementos citados por elas, realizamos a quantificação das respostas obtidas, conforme podemos observar no quadro abaixo:

Quadro 3. Justificativa das crianças apreciarem da biblioteca.

Categorias das entrevistas dos alunos	Manhã	Tarde
1. Acervo de livros	6	9
2. Atividades de leitura (realizadas pelos alunos ou pelas professoras)	5	4
3. Atividade de empréstimo de livros	4	1
4. Interação entre os amigos	1	2
5. Atividade de contação de história (pelas professoras)	0	3
6. Objetos diversos – atrativos	0	2
7. Atividade de assistir filme	1	0
8. Potencial imaginativo das histórias	1	0
9. Ilustração dos livros presentes no acervo (atrativos)	0	1
10. Estrutura física (refrigeração)	0	1
11. Espaço novo para a criança	0	1
12. Valorização das professoras	0	1

Fonte: Lino e Oliveira (2016)

A partir dos dados apresentados no quadro, corroborando com aspectos discutidos na apresentação da biblioteca, o acervo de livros é um elemento bastante citado pelos alunos. Acreditamos que isto tenha ocorrido porque a utilização destes é uma prática frequente na biblioteca observada.

Percebemos uma ênfase em atividades que contemplam a função de formação leitora, na qual as crianças explicitam sentirem-se atraídas, principalmente, pelos livros que compõem o acervo, pelas atividades de leitura e pelas atividades de empréstimo de livros.

Ao responder à pergunta a respeito do que acha da biblioteca da escola, Maria⁹ afirmou gostar muito daquele ambiente, e sentir vontade de morar nele. Em sua justificativa, “lá tem ar condicionado e um monte de livro que eu gosto”, é abordada a importância de um espaço físico agradável (no caso climatizado – categoria 10), bem como, com um acervo de livros (categoria 1) no qual os usuários demonstram gostar e se identificar. Quanto ao último aspecto mencionado, conforme descrevem Pimentel, Bernardes e Santana (2007):

⁹ Nome fictício, 8 anos, aluna do 3º Ano.

A formação do acervo envolve um trabalho constante de inclusão e exclusão de itens, atividade que favorece a atualização do acervo com relação aos anseios dos usuários, que podem variar de acordo com o surgimento ou o desuso das suas necessidades de informação. (PIMENTEL; BERNARDES e SANTANA, 2007, p.34).

Isabela¹⁰, ao justificar o motivo de apreciar a biblioteca da escola, disse que gosta “Porque tem uns amigos pra brincar, uma biblioteca pra ler”, apresentando a interação entre os amigos (categoria 4), e as atividades de leitura (categoria 2).

As atividades de leitura compõem a função da formação de leitores da biblioteca. A identificação com essas atividades é algo bastante positivo, já que é evidente a importância dessa competência para o indivíduo na sociedade, como Barroco (2004) aponta:

A leitura contribui, então, para a formação completa do indivíduo, já que a restrição da competência linguística não possibilita a sua realização integral, limita o acesso ao conhecimento, à criação e fruição cultural, reduzindo também a participação na sociedade. (BARROCO, 2004, p.123).

Pedro¹¹ afirma gostar muito da biblioteca e quando questionamos o porquê, ele responde: “Eu nunca fui para uma biblioteca, é a minha primeira vez, aí eu tô achando ela legal. (...) porque tem tias legais, eu gosto, a gente tem muita capacidade de subir lá no alto. ” Pudemos notar em sua fala dois aspectos que o faz apreciar este local: a questão de ser a primeira vez que ele frequenta uma biblioteca (categoria 11) e a identificação com as professoras do espaço (categoria 12).

Para Rafael¹² a biblioteca é um espaço bem legal. Sua justificativa para isso é “porque tem muitos amigos, tem muitos livros, para eu ler com os meus amigos, muitas coisas”. A justificativa do aluno contempla as categorias 2 e 4, em que ressalta apreciar as atividades de leitura com os amigos e o fato de estar com eles fazendo esta atividade.

Carolina¹³ acha a biblioteca boa. A aluna menciona atividades que gostou de ter vivenciado no local, como podemos perceber: “porque é bom, a gente lê livro, e a gente assiste filme.”. Identificamos em sua resposta que há identificação com atividade de leitura (categoria 2) e atividade de assistir filme (categoria 7).

Pudemos observar, que assim como Maria, Isabela, Pedro, Rafael e Carolina as demais crianças entrevistadas valorizaram a biblioteca escolar e explicitam motivos específicos para tal valorização. As categorias referentes às suas respostas evidenciam que além de

¹⁰ Nome fictício, 7 anos, aluna do 2º Ano.

¹¹ Nome fictício, 6 anos, aluno do 1º Ano.

¹² Nome fictício, 6 anos, aluno do 1º ano.

¹³ Nome fictício, 9 anos, aluna do 3º ano.

contemplarem as funções de formar leitores e cultural, outros aspectos como estrutura do espaço, as formas de mediações e as interações também são considerados para que a biblioteca escolar seja apreciada.

Não houve frequência de respostas que evidenciaram a competência informacional. Levantamos como hipótese que a falta de computadores tenha influenciado na ausência de atividades referentes a esta função, pois apesar do desenvolvimento dessa competência não se restringir ao uso dessas máquinas, ela inclui a análise de informações digitais ou impressas, o que, conseqüentemente, pode ter refletido, conseqüentemente, nas justificativas das crianças.

Assim como em nossa pesquisa, os resultados dos alunos que frequentam as aulas evidenciam que a biblioteca é apreciada pelas crianças. Podemos relacionar este dado com os resultados do estudo Souza (2013), no qual as crianças verbalizaram uma identificação com a biblioteca da escola em que estudam, e com o estudo de Ohio, apresentado por Campello (2012), cujo foi analisado que os alunos indicaram o reconhecimento da biblioteca escolar como um espaço favorável à aprendizagem.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi analisar o que as crianças dizem sobre a biblioteca escolar. Assim, realizamos observações e entrevistas com o intuito de compreendermos a sua estrutura e o seu funcionamento, identificarmos os tipos de atividades realizadas no referido espaço e mapearmos o que dizem os alunos sobre a biblioteca da escola.

De forma geral consideramos a estrutura da biblioteca favorável às situações de aprendizagem. Seu espaço físico possui os requisitos básicos para atender aos acervos e usuários de forma confortável e satisfatória. Identificamos que a ausência de computadores ligados à internet, de salas de exclusivas de estudo e de mídia, resultam no comprometimento de algumas atividades, mas não impedem a biblioteca de funcionar.

Notamos, no período de investigação, em relação ao funcionamento da biblioteca, que o expediente estava atrelado à disponibilidade apenas das professoras de biblioteca, ou seja, quando estas se ausentaram, não havia funcionamento, o que consideramos um ponto negativo, pois a biblioteca não ficou aberta aos usuários diariamente.

As atividades identificadas na biblioteca atenderam alunos e professores da escola e foram variadas, entretanto, não estimularam a autonomia das crianças, pois estas não tinham oportunidade de participar ativamente no processo de escolha dos materiais, por exemplo. Há uma predominância nas atividades que favoreceram à formação leitora em detrimento da competência informacional e cultural.

É unanime, nas crianças entrevistadas, o gosto pela biblioteca da escola. Em suas justificativas, notamos como argumento uma grande valorização do acervo de livros, das atividades de leitura e de empréstimo. Os outros argumentos apareceram com menos frequência (entre 1 a no máximo 5 vezes). Observamos assim, que os dados apresentados revelaram que os alunos associam a biblioteca da sua escola principalmente a atividades que atendem a função da formação de leitores.

A análise de cada objetivo nos permitiu conhecer a biblioteca por várias esferas, para que pudéssemos analisar o que dizem as crianças associando suas opiniões à realidade observada.

Percebemos, por fim, que as vivências na biblioteca escolar possibilitaram a construção de aprendizagens em relação à gêneros textuais, como foi o caso das produções de cordéis e a contação de histórias; aos usos deste espaço como, por exemplo, a apreciação pelas obras do acervo, a maneira adequada de manusear os livros; e sobre assuntos variados através das temáticas abordadas.

REFERÊNCIAS

ABREU, Vera Lúcia Furst Gonçalves. **A coleção da biblioteca escolar**. In: CAMPELLO, Bernadete. et. al. *A biblioteca escolar: Temas para uma prática pedagógica*. 2. ed., 2. reimp. 4Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 29-32.

ANDRADE, Maria Eugênia Albino. **A biblioteca faz a diferença**. In: CAMPELLO, Bernadete. et. al. *A biblioteca escolar: Temas para uma prática pedagógica*. 2. ed., 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 13-15.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROCO, José Alves. **As Bibliotecas Escolares e a Formação de leitores**. Tese de Mestrado em Educação, Supervisão Pedagógica em Ensino do Português. Braga: Universidade do Minho, 2004. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/3400>>. Acesso em: 15maio. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Avaliação das bibliotecas escolares no Brasil**. Brasília, DF, 2011. Disponível em: <[HTTPS://www.oei.es/bibliobrasil.pdf](https://www.oei.es/bibliobrasil.pdf)>. Acesso em: 06 mai. 2016. (Coleção Estudos IDEA)

_____. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. 2ª ed. Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2007.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Biblioteca na escola**. Brasília, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Avalmat/polleit_biblio.pdf> . Acesso em: 30 out. 2015.

CAMPELLO, Bernadete. **A competência informacional na educação para o século XXI.** In: CAMPELLO, Bernadete. et. al. A biblioteca escolar: Temas para uma prática pedagógica. 2. ed., 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 9-11.

_____. **A escolarização da competência informacional.** Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo, v. 2, n° 2, p. 63-77, dez., 2006.

_____. **A função educativa da biblioteca escolar no Brasil:** perspectivas para seu aperfeiçoamento. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003a. 1 CD-ROM.

_____. **Biblioteca escolar:** conhecimentos que sustentam a prática. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

CAMPELLO, Bernadete. (Coord.). **Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento:** parâmetros para biblioteca escolar. Belo Horizonte: UFMG/ GEBE, 2010.

CAMPELLO, Bernadete. et al. **Pesquisas sobre biblioteca escolar no Brasil:** o estado da arte. Revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v.18, n..37, p.123-156, mai./ago., 2013.

CARVALHO, Ana M. A. et al. **O uso de entrevista em estudos com crianças.** Revista Psicologia em Estudo, Maringá, v. 9, n. 2, p. 291-300, mai./ago. 2004.

CARVALHO, Maria da Conceição. **Escola, biblioteca e leitura.** In: CAMPELLO, Bernadete. et. al. A biblioteca escolar: Temas para uma prática pedagógica. 2. ed., 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 21-23.

CHAVES, Mayco Ferreira. **Competências profissionais para atuação bibliotecária na área cultural.** Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 261-271-, maio./ago., 2015. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/download/1006/pdf>>. Acesso em 12 abr. 2016.

CRUZ, Silvia Helena Vieira. Apresentação. In: _____. **A criança fala:** a escuta de crianças e pesquisas. São Paulo: Editora Cortez, 2008. p. 11-33.

GONÇALVES, Fabíola Mônica da Silva ; FERREIRA, S. P. A. . **Biblioteca escolar sob o olhar do aluno.** In: 16° Congresso de leitura no Brasil - COLE, 2007, Campinas- SP. 16° Congresso de leitura no Brasil - COLE. No mundo há muitas armadilhas e é preciso quebrá-las.. Campinas -SP: Unicamp, 2007.

GOUVEIA, Rosa Maria dos S.; LEAL, Telma F. **A leitura na biblioteca escolar: interesses e conquistas.** In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 13., 2001, São Paulo. Anais... São Paulo: Associação de Leitura do Brasil, 2001.

IFLA. **Diretrizes da IFLA/UNESCO para bibliotecas escolares.** Tradução de Maria José Vitorino. São Paulo, 2006.

HILLESHEIM, Araci Isaltina de Andrade; FACHIM, Gleisy Regina Bories. **Conhecer e ser uma biblioteca escolar no ensino-aprendizagem,** Revista ACB: Biblioteconomia, Santa Catarina, V. 4, n° 4, p. 64-79, 1999.

LIMA, Juliana de Melo. **Os critérios adotados por crianças para avaliar suas professoras.** 250f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MARUNY CURTO, Luís. **Escrever e ler: como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e a ler** / Lluís Maruny Curto, Maribel Ministrál Morillo e Manuel Miralles Teixidó; trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2000. Volume 1.

MATA, Maria Aparecida da. **Leitor Proficiente.** Disponível em: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/leitor-proficiente>>. Acesso em 01 de dez. 2015.

MORAIS, Eliane Maria da Cunha. Formam-se leitores nas bibliotecas escolares? In: **Literatura fora da caixa: o PNBE na escola – distribuição, circulação e leitura.** São Paulo: Editora UNESP, 2012. p. 39-72.

MORAIS, Fabiano; VALADARES, Eduardo; AMORIM, Marcela Mendonça. **Alfabetizar letrando na biblioteca escolar.** 1d. São Paulo: Cortez, 2013.

PAIVA, Aparecida. Políticas públicas de leitura: pesquisas em rede. In: **Literatura fora da caixa: o PNBE na escola – distribuição, circulação e leitura.** São Paulo: Editora UNESP, 2012. p. 13-34.

PIMENTEL, Graça; BERNARDES, Liliane; SANTANA, Marcelo. **Biblioteca escolar.** Brasília: Universidade de Brasília, 2007. 117 p.

RICHARD, Robert Jarry. Observação. In:_____. **Pesquisa Social.** São Paulo. Editora Atlas. 3ª ed. (revisada e ampliada) 2008. P. 259-263.

ROSA, Ester Calland de Sousa. Ler e escrever no cotidiano escolar: há lugar para a biblioteca?. In: FERREIRA, Andrea Tereza Brito. ROSA, Ester Calland de Sousa. **O fazer cotidiano na sala de aula: a organização do trabalho pedagógico no ensino da língua materna.** Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 65-82.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. **Perspectivas históricas da biblioteca escolar no Brasil e análise da Lei 12.244/10.** Revista ABC: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis. v. 6. n. 2, p.489-517, jul./dez. 2011.

SILVA, Waldeck Carneiro da. **Miséria da biblioteca escolar.** São Paulo: Cortez, 1995. 118p.

SOUZA, Maria Élia Ramos de. **Biblioteca Escolar: contribuições para o trabalho com Leitura Literária na Educação Infantil.** Recife, 2013.